

Número da fita: 0020

Título: Entrevista com Manoel Moraes

Mídia: Mini DV

Time Code		Vídeo	Áudio	Tema	Comentário imperdível (interno ao material)	Sugestão (conexões externas)
in	out					
00:01	00:38	Manoel Moraes e família (Mulher, Crianças e Marilda no quintal da sua casa)	Martha e Thiago comentando sobre a filmagem	-		
00:39	00: 54	S. Manoel no seu belo quintal– Plano americano	Martha: Eu soube que o Sr. era bom no calango..... S. Manoel diz que antigamente era baile e agora era forró	CA		
00:55	01:12	Idem	“ E antes do baile era Chiba ... rolava tudo, Cana Verde, Ciranda, Marrafa, essas coisas antigas”	CA		

01:13	03:06	Idem	Diz que o Calango foi depois dessas danças. Cita Pedro Silva como um grande Calangueiro. Diz também que antigamente a sanfona era de 8 baixos	CA		
03:07	03:25	Idem	S. Manoel canta os seguintes versos: “Menina, vamos comigo, sumo de mambucabeira, tem paixão me acompanha, mete o pé não tenha medo” Menina, vamos comigo, te travesso meu rio, do meu braço faço ponte, do meu coração um navio”	CA	Canta versos de Calango	Marilda, uma das entrevistadas, tem uma pesquisa sobre musicas no Bracuí, que realizou junto com a escola da região. Segundo nos informou, tem vários pontos de calangos transcritos. Ficou de procurar e mostrar numa próxima visita
03:28	04:40	Idem	Diz que tem desafio no Calango, e cita Seu Zé Adriano como um bom calangueiro. Fala também de Zé Fidélis, irmão do calangueiro Pedro Silva.	CA		
04:41	08:27	Idem	Fala da dificuldade de mobilidade de uma área para outra; descreve como eram ocupados os lotes da atual comunidade.	CN		
08:30	09:43	Idem	Fala de como as pessoas se encontravam para o calango, quando tinha 14 ou 15 anos.	CA		

09:44	10:30	Idem	“uma hora eles dançavam as danças mais antigas... Cana Verde, Ciranda, Marrafa e o Cateretê” Seu Manoel descreve o cateretê			
10:31	11:03	Idem	Fala dos instrumentos do Jongo, do Cateretê e da Chiba.	JO		
11:04	12:12	Idem	“ O jongo era do povo mais Antigo” Continua falando do jongo, diz que o jongo era no quintal e o baile dentro de casa	JO		Na Rasa o Jongo também aparece como dos “antigos”, “dos velhos”
12:14	12:56	Idem	Interroga a Marilda se ela chegou a ver o cateretê, e dialogam sobre ele.			
12:58	14:06	Idem	Fala das pessoas que faziam o Jongo: Zé Vitorino. Nesse momento, Marilda diz que sua mãe fazia jongo, afirmando que nessa época criança não tinha vez não.	JO		
14:07	15:08	Idem	Fala que não havia divertimento, além dessas danças e alguns jogos.			

15:09	18:01	Idem	Diferencia o desafio do jongo e do calango. Diz que do Jongo “o ponto é muito difícil”. E diz que antigamente o jongueiro trabalhava com arte. Compara os jongueiros aos mágicos. Sobre essa magia canta o seguinte ponto: “Plantei café nasceu guiné, catacumba pegou fogo defunto comeu no pé”	JO CA	Canta dois pontos de jongo.	
18:02	19:40	Idem	Fala do improviso do verso e canta um outro ponto: “No terreiro do papai, peço licença vovó, me dá licença jongueiro para parar esse tambor”	JO	Canta um ponto de Jongo!	
19:41	20:40	Idem	Fala da volta do Jongo, mas diz que não é como antigamente, todo semana.	JO		
20:42	22:29	Idem	Fala novamente da dificuldade de mobilidade na região. Relata também as idas a Angra dos Reis para vender os alimentos produzidos em Sta Rita.	CN		

22:30	23:03	Idem	Começa a falar da sua família e diz o seguinte : “Nos somos descendentes de escravos” “Todo nós aqui somos descendentes de escravos” , Afirma ser descendente do escravo Antônio Joaquim da Silva	ME		
22:04	29:33		Genealogia	ME MA		
29:35	30:27		Fala da doação das terras feita por Breves	ME FA		
30:28	34:40		Começava a falar da disputa com a empresa Bracuí, da criação do sindicato dos trabalhadores rurais e a participação da CPT. Seu Manoel relata seu forte engajamento na criação da CPT na região e seu engajamento na luta.	CN		

34:42	37:19		Fala de um tio seu que contava as histórias dos escravos. Diz que ali era um porto de desembarque. Descreve o transporte dos escravos nessa região. Diz também que nessa área havia um local de engorda. Diz que seu bisavô – Antonio Joaquim - trabalhava com engenho de cana	ME MT		Como na Marambaia, se referem a um local de engorda de escravos. Obs: o Engenho de Cana foi filmado pela equipe. A fabricação de cana poderia ser um indício de uma fazenda destinada para o comércio negro.
37:20	44:07		Começa a relatar o “causo” (contado pelo irmão da sua mãe) de um escravo fugido e ação do Breves,	ME		
44:30	47:30		Relata um dos desembarques de escravos ocorridos já no período ilegal	MT		Muito boa a narrativa sobre desembarque clandestino.
47:37	49:48		Começa a falar da venda de parte da fazenda a empresários franceses, para plantação de cana.	FA		
49:50	51:30		Fala do período pós-Breves: se refere a Honório Lima como o principal coronel da região.			

51:21	1:00:19		Começa a relatar a Luta dele e de “seu povo” contra a empresa turística Bracuy, pela posse da terra. Na sua fala é bastante forte a presença de metáforas religiosas.			
-------	---------	--	---	--	--	--

Legenda dos temas	Equipe de decupagem
Jongo – JO Memória do tráfico – MT Quilombo – QL Calango – CA Memória da África – MA Memória da escravidão – ME Folia de Reis – FR Campesinato Negro – CN Fazendas – FA	Camila Marques Camila Mendonça Edmilson Santos Eric Brasil Luana Oliveira Luciana Leonardo Matheus Serva Thiago Campos